



No dia em que Nova Iorque perdeu a cor, saímos todos às ruas e viramos fotógrafos.

No dia em que Nova York perdeu a cor, os telefones estavam sem li-

nha, não havia conexão na Internet e os meios de transporte não funcionavam.

No dia em que Nova York perdeu a cor, ficamos incomunicáveis em uma ilha.

A nuvem de fumaça era o maior sinal da cidade. O nosso chamado de socorro.

Alexandra Itacarambi



O dia em que Nov

Na Broadway, os luminosos ainda davam as boas vindas a quem chegava à Times Square. Mas, no alto, nas paredes, junto ao Schwarzenegger, no chão dos edifícios, as notícias circulavam e eram as mesmas. Perdíamos assim nossas palavras que escapavam ao nosso controle.

Olhávamos para o alto e era sangue o que nos pediam.

Depois conseguimos nos conectar ao celular e repetíamos juntos os mesmos gestos.

E, quanto mais sabíamos, mais perplexos ficávamos.

Insistíamos na busca de mais informação, porque era quase impossí-

Neide Duarte ✦





Salvação é a palavra para eles. Perda é a palavra para os bombeiros que vêm da nuvem de fumaça. Nesta Nova York de gente bem vestida, os sapatos são o sinal de quem pisou nas cinzas, passou pelas cinzas, conseguiu sair das cinzas. Carros estranhos circulam pela avenida Houston entre o Village e o Soho. Cento e cinquenta caminhões se alinham para ir trabalhar nos escombros. Manobras de guerra. Emergências por toda parte. Os voluntários se alistam. Os voluntários correm para pegar suas máscaras. Os voluntários rezam. Um homem passa sozinho na

a York perdeu a cor



vel acreditar no que acontecia. A cidade foi cercada. Andávamos por etapas. Barreiras nos separavam. A Quinta Avenida entre a 33 e a 34 estava fechada. Todo o quarteirão cercado, onde fica o Empire State. Ruas vazias para proteger um império atacado. Conseguimos entrar num ônibus e hoje ninguém paga. Avançamos muito pouco. Da rua 14 ninguém passa. Da região proibida saem ônibus levando idosos, que usam máscaras de proteção. Eles trazem no olhar o medo e o alívio dos sobreviventes.

América. Um homem já entregou sua força. Uma mulher chora porque não reconhece a paisagem. Os homens passam com seu trabalho de ferro, duras correntes. E nós, não podemos esquecer, não podemos esquecer. O nosso olhar nunca mais verá a mesma paisagem de Nova York.

Nova York,
11 de setembro de 2001

O imp



O que antes anunciava prazer e diversão mostra hoje uma outra face.

A Broadway agora nos assusta. Atos de guerra passam por cima

das nossas cabeças.

As vitrines da loja *Saks* estão vazias: um pano preto no fundo e nos vidros, escrito em letras brancas: *With sadness* (com tristeza). Na cidade do consumo e do comércio, as vitrines não têm mais nada a oferecer a não ser tristeza.

Numa poça d'água, o Empire State

gêmeas. Desenhou a falta que tanta gente faz: Jeniffer, Tom, David, Frank, Steve, Susan, Louise, William...

Marggie trouxe rosas brancas e um bilhete: "Brian, nós amamos você. Sentimos muito a sua falta. Sua tia Marggie".

A senhora chinesa percebe que é preciso se manifestar e indica ao marido um lugar no painel. Ele escreve em chinês: "O mundo precisa de paz".

O vento mudou a direção da fumaça e a ilha inteira tem o cheiro do que o fogo queimou. A televisão dizia que era preciso usar máscaras para evitar qualquer perigo de contaminação. Passam crianças indo para

aplaudem e ela responde: "Deus abençoe a América".

Numa praça chamada União, os americanos foram chegando, vieram dizer que guerra não é uma resposta.

Trouxeram pombas no papel da paz. Trouxeram flores no papel da saudade. É uma multidão imensa de jovens, todos querendo paz.

Uma moça lê um discurso: "Vocês usaram corpos americanos indefesos para tirar a vida de outros americanos. Vocês atingiram o World Trade Center, mas não atingiram a América. Nós não vivemos na América, é a América que vive dentro de nós. A América é uma idéia".

Ela termina dizendo: "Aguardem

ério se transforma

reflete a imagem da sua arquitetura. E para atravessar a rua pisamos nela.

A cada passo, assistimos à transformação de um império.

Nova York não é mais uma ilha de avenidas retas, onde é fácil caminhar. Nova York agora é uma cidade de labirintos, lugares proibidos, lugares de muita dor.

As pessoas passam pelas praças e deixam recados em papéis imensos, que vão se estendendo pelo chão, pelas paredes. Quantas palavras teremos que escrever para mostrar essa dor do tamanho da América?

"Você ainda está conosco de pé." Numa foto de Manhattan, depois da tragédia, um rapaz desenhou as torres

a escola, donas de casa com suas compras de supermercado, famílias inteiras, dois rapazes, duas moças, todos agora irreconhecíveis com suas máscaras.

E Nova York foi ficando assim... com esse jeito de quem está no limite, de quem se prepara para atravessar fronteiras.

O ar não está bom para se respirar. O lixo se acumula nas esquinas. Os carros não são mais carros. As casas já não são boas para se morar. Carros militares ocupam as ruas do sul da ilha.

Uma mulher, antes de abandonar seu apartamento, pendura uma bandeira do lado de fora. Os jornalistas

por nós".

Ninguém aplaude.

Caças americanos cruzam o céu. Budistas tibetanos cantam um mantra.

Homens e mulheres acendem velas, colocam flores no chão.

Anoitece.

Na praça da União, no meio da multidão, um menino com um livro na mão tenta ler o que está escrito. Começa a entender o que são as palavras.

Numa esquina, um abraço nos devolve a nossa humanidade.

14 de setembro de 2001,
Nova York,
Dia da vigília pela paz



10 de setembro de 2001. Era verão ainda. As pessoas passavam com a desleixação natural de quem vive no frio, pelo menos nove meses por ano e está acostumado a outro tipo de roupa.

Nova York ainda era uma ilha no meio dos Estados Unidos e no meio do mundo.

Aqui as melhores bananas, das melhores terras. O melhor café, do melhor grão. As mais vermelhas maçãs dos mais belos campos da França. As melhores azeitonas da Euro-

Toda a beleza do mundo reunida numa pequena ilha.

Em Manhattan vivia a um só tempo: a melhor Europa, a melhor Ásia, a melhor África, a melhor América.

Era verão ainda.

Décimo-quinto andar do edifício. Hotel São Carlos. 3ª Avenida com a rua 50. Não liguei a televisão. Não gosto de ver notícias pela TV logo cedo. Prefiro ler o jornal.

Assim, desci inocente. Dez e meia da manhã. Terça-feira, 11 de setembro. Uma multidão caminhava pela 3ª Avenida. Direção: norte. Trânsito completamente parado. Buzinas, sirenes. É tanta gente na calçada e tantos carros na rua que não dá para

ver a calçada ali do outro lado da avenida.

Nova York nunca foi assim.

A livraria Barnes and Nobles está fechada; a Banana Republic, também.

Nova York nunca foi assim.

No Museu de Arte Moderna não tem ninguém. O Metropolitan está vazio.

Nova York nunca foi assim.

Dois aviões ainda sobrevoam a ilha, alguém falou. E aquilo que não era notícia, mas fato comum, tinha o tom de ameaça.

Quando entendi o que estava acontecendo, como todo mundo que não havia visto as imagens, duvidei. E aos poucos fui me dando conta do

Nova York era assim

pa. O melhor azeite das melhores oliveiras do mundo.

Os tecidos mais belos, os melhores fios, os melhores botões, os mais ricos tapetes e as melhores especiarias. Tudo que Marco Pólo, um dia, percebeu que existia.

Os melhores museus, toda a arte reunida.

Um templo do Egito, inteiro reconstruído.

Uma baleia azul, alguns dinossauros.

A arte e os seus artistas aqui respiram, aqui se inspiram.

Em Nova York, existia a liberdade de cada um poder ser o mais parecido com aquilo que é.

Alexandra Itacarambi



tamanho da tragédia.

Era verão ainda. O céu estava bonito e azul.

As pessoas estavam todas voltando para casa ao mesmo tempo. Iam a pé, atravessariam a ponte do Queens, a ponte do Brooklyn e, o que era motivo de orgulho da melhor engenharia,

na altura do 79º andar. Morreram 14 pessoas e o andar foi reconstruído.

Mas aquilo havia sido apenas um acidente.

Era verão ainda em Nova York.

Nós começamos a descer pela Quinta Avenida para chegar o mais perto possível do World Trade Center.

feridos. O que havia eram muitos voluntários, solidariedade, pessoas que queriam paz.

Nova York então foi ficando parecida com um filme de cinema.

Os restaurantes do Soho estavam fechados, só alguns bares abertos, mas logo avisavam: não temos comida, só bebida.

O bar estava escuro e a televisão ligada.

Pedi um café que nunca chegou. As meninas fumavam.

Uma certa neblina no ambiente me lembrou um filme qualquer da Segunda Guerra.

Um jeito de tudo, falsamente, parecer normal.

E, durante todo o dia e nos dias que vieram depois, esperamos por alguma palavra. Alguma palavra que trouxesse um pouco de humanidade à ação. A palavra que não veio nunca.

“Não é mais hora de palavras e sim de ação”, disse George Bush.

Sempre será a hora das palavras, alguém me disse e eu repito o que aprendi: somente as palavras podem humanizar nossos gestos. Só nas palavras pode estar a salvação.

Quando consegui sair de Nova York e chegar em casa, não senti alegria, nem alívio.

Ninguém está a salvo.

Quando desfiz as minhas malas, Bob Dylan ainda cantava no meu filme, “blowin’ in the wind”...

“Quantas estradas um homem tem de percorrer até poder ser chamado de homem...”

...a resposta, meu amigo, está voando com o vento...”

São Paulo,
21 de setembro de 2001

* **Neide Duarte** é jornalista da TV Cultura e vencedora do Prêmio Mídia da Paz



Alexandra Itacarambi

agora apareceria no retrato como rota de fuga dos sobreviventes.

As torres do World Trade Center não existiam mais. A polícia de Nova York cercou o quarteirão para proteger o outro símbolo do seu império: o Empire State.

Protegendo o edifício, o que ainda era a América, parecia estar a salvo.

Só que o Empire State é símbolo de outro tempo: da recessão dos anos 30, quando Bessie Smith cantava “nobody knows you when you’re down and out”.

E o Empire State já tinha vivido, ao seu modo, uma situação parecida: durante a Segunda Guerra, um avião de combate entrou no prédio,

Não havia outra coisa a fazer para os que ficaram na ilha.

Trabalhamos o dia inteiro. Fomos até o escritório do Lucas Mendes e da Lúcia Guimarães. Eles me emprestaram uma câmera de vídeo e eu saí filmando a cidade, para fazer uma matéria para a TV Cultura.

Eu, Analu (Ana Costa Santos, a coordenadora de produção do Caminhos e Parcerias) e a Alexandra (Alexandra Itacarambi, da revista IMPRENSA) formamos uma equipe improvisada e fomos descendo para o sul da ilha.

Fomos a pé. Passamos por inúmeras barreiras. Chegamos até o posto avançado das ambulâncias que esperavam pelos feridos. Não, não havia



“Holly Shit”. Estava na boca dos americanos. Segunda-feira de setembro, dia da abertura da Assembleia Anual das Nações Unidas. Dia em que as

Twin Towers foram nocauteadas. E, para os jornalistas que vieram a Nova York cobrir PAZ, sobrou guerra.

Presenciamos a imprensa americana se debatendo para explicar a seus cidadãos as três perguntas básicas do jornalismo: Quem, como e por quê. Por alguns instantes, desses que se parecem com horas e dias, fica-

jornalistas faziam a cobertura do pós-evento freqüentemente ouvíamos gritos com ameaças de prisão.

Fizemos parte de um grande telefone sem fio, onde as histórias rolavam de boca em boca. Cada um tinha sua própria história e mais a história do colega, da mãe, de um conhecido para contar. E aquilo que viu na TV, é claro! E todo mundo desandou a contar, mesmo sem você perguntar, era inevitável.

George W. Bush, na sua segunda visita a NY depois de assumir a presidência, fazia promessas pelo megafone aos nova-iorquinos esclarecidos. Foi na sexta-feira, dia em que a nação se uniu para rezar, velar e cantar

Holly Shit

Alexandra Itacarambi *

mos mudos. Do Brasil, também queriam explicações. Recebíamos dezenas de telefonemas com perguntas: “Quando vocês voltam?”

As autoridades pediam para a imprensa não noticiar nenhuma informação que não tivesse sido verificada pelos agentes do FBI. Enlatadas e prontas para entrega. Ameaçavam a população com prisão para aqueles que passassem alarmes falsos. Mais de cem denúncias de bombas foram recebidas no “day after”. No Frozen Zone, ou na cena do crime, onde os

o hino americano. A assembleia da nação unida.

Dois amigos americanos fizeram questão que eu soubesse que eles não elegeram o presidente Bush, ele foi “selecionado”. Porém, o patriotismo cresceu e com ele Bush também cresceu. Holly Shit!

* Alexandra Itacarambi

Diretora de Eventos da Revista *Imprensa*



Fotos: Alexandra Itacarambi



- 02 e 03 NOVEMBRO
- 16 e 17 NOVEMBRO
CARGA HORÁRIA: 16 HORAS

Docente:
OLGA CURADO

**OFICINA PILOTO
DE TELEJORNALISMO**

**VAGAS LIMITADAS - 25 ALUNOS POR TURMA
LOCAL: FACULDADE CASPER LIBERO
AV. PAULISTA, 900 - 5o. ANDAR**



Informações:

Revista Imprensa - Tel (11) 3224-0288

e-mail: mkt@revistaimprensa.com.br



Os “melhores” momentos da cobertura



- No Brasil, a saída, na manhã de quinta-feira, dia 13, das edições extras de *Época* e *IstoÉ*.
- Nos EUA, a edição especial da revista *Time*, no sábado, dia 15.
- O artigo “Bush caminha para uma armadilha”, assinado por Robert Fisk, do jornal *The Independent*, publicado no Brasil, com a tradução acima, pela *Folha de S.Paulo*, na segunda-feira, dia 17. O artigo começa com uma frase definitiva: “A retaliação é uma armadilha”. E termina com uma profecia: “Mas a armadilha já foi instalada, e talvez todos nós estamos marchando para ela”. Pelo menos, entre os internautas brasileiros, foi o artigo que mais repercutiu.
- O texto assinado por Dorrit Harazim, divulgado no dia 17, “O estadista do momento”, sobre a atuação do prefeito de Nova York,

Rudolph Giuliani. Ela escreve: “Giuliani se fez visível o tempo todo, onde necessário, e sem demagogia. Concede quatro ou cinco entrevistas coletivas por dia, todas pertinentes, informativas e em locais diversos da tragédia”. Dorrit contrapõe a Giuliani a figura da senadora por Nova York, Hillary Clinton, que “conseguiu desfiar todo um rosário de clichês sobre ‘o caráter indomável do nova-iorquino’, mas não conseguiu aquecer uma única alma.

- A edição especial da revista *Carta Capital* de 19 de setembro, reunindo textos de Noam Chomsky, Norman Solomon, entre outros, sobre as mudanças no mundo.
- A irreverência da capa da *Carta Capital* de 26 de setembro, mesclando traços de George W. Bush e do personagem da revista *Mad*, autoria de Alfred Neumann.



Os “piores” momentos da cobertura

- Vários sites noticiosos tentaram provar que Nostradamus já previra o desastre.
- Vestindo uma bandeira norte-americana, a apresentadora Adriane Galisteu pedindo ao mundo: “Gente, vamos parar com isso!”.
- As “interpretações” de Gerald Thomas publicadas com insistência na *Folha*, sugerindo a volta do Living Theater (dos anos 60) ao cenário político e revelando que todos os dias dava “bom dia ao World Trade Center”.
- A corridinha forçada de Tony Blair descendo a escada de um avião em Bruxelas tentando aparentar juventude e vigor físico.
- O leitor do Macaco Simão que enviou ao colunista a informação de que essa era uma guerra do Afeganistão, Paquistão, Ondeéquestão, etc...
- O *outdoor* da edição de *Veja* do dia 26 de setembro, e o da revista *Época*, uma tentativa inútil de intimidar os terroristas.